

# “Pastor dá conselho bom”: missões evangélicas e igrejas neopentecostais entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul

Katya Vietta

**Resumo:** Neste estudo trago alguns subsídios para analisar como os Kaiowá e os Guarani, no Mato Grosso do Sul, se apropriam e ressignificam os conteúdos e os valores trazidos pelas missões evangélicas e pelas igrejas neopentecostais. Fenômeno que alcança maior profundidade se observado no contexto do processo de confinamento dessas populações em pequenas áreas. Processo marcado pela fragmentação das parentelas, superpopulação e sobreposição de famílias, e onde se evidencia a afirmação do *capitão* em detrimento do *ñanderu* – liderança de parentela com papel político e religioso. Todos esses aspectos estão na base de uma série de transformações, as quais vão muito além da não realização de inúmeras práticas rituais. Os focos principais dessa análise são a Missão Caiuá e as igrejas neopentecostais, com ênfase na Reserva de Caarapó.

**Palavra-chaves:** Populações indígenas; organização social; religião.

**Abstract:** In this study certain elements are presented for the analyzing of how the Kaiowá and Guarani, in Mato Grosso do Sul, appropriate and give a new meaning to the contents and values brought by the Evangelical Missions and Neopentecostal Churches. A phenomenon that becomes more profound if observed in the context of the confinement process into small areas of these populations. This process is marked by the fragmentation of kinship, overpopulation and superimposition of families and where there is evidence of the *captain's* assertion to the detriment of the *ñanderu* – kinship leadership with political and religious roles. All these aspects are based on a series of changes, which go much further than the non-fulfilling of innumerable ritual practices. The main focuses of this analysis are the Kaiowá Mission and Neopentecostal Churches, with emphasis on the Caarapó Reservation.

**Key words:** Indigenous populations; social organization; religion.

Esta comunicação é uma versão reduzida e revisada do artigo *Missões evangélicas e igrejas neopentecostais entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul*, que contou com a colaboração de Antonio Brand durante a realização de parte da pesquisa de campo, bem como na sua elaboração. Antropóloga. Pesquisadora do Programa Kaiowa/Guarani-UCDB. Pesquisa realizada com o apoio do CNPq.

Neste estudo analiso a atuação das missões evangélicas e das igrejas neopentecostais, junto aos Kaiowá e Guarani<sup>1</sup> no Mato Grosso do Sul. Tendo em vista a abrangência do tema, alguns recortes foram definidos. Uma das ênfases recai sobre a Missão Caiuá, que é a mais antiga a atuar entre estas populações no Estado e, direta ou indiretamente, encontra-se na maioria das áreas ocupadas, onde conta com o trabalho permanente de pastores e missionários, dispondo de escolas e de um hospital. Merece destaque também a Missão Evangélica Unida, que atua há várias décadas entre os Kaiowá e Guarani. Quanto às igrejas neopentecostais, a análise está centrada na Reserva de Caarapó (Caarapó)<sup>2</sup>. Esta reserva é representativa no contexto kaiowá e guarani, pois apresenta o terceiro maior contingente populacional e localiza-se na periferia de um centro urbano importante. O excesso populacional e a proximidade das cidades são uma constata e têm desencadeado e/ou acirrado problemas de várias ordens. Nestes aspectos, Caarapó é superada apenas pelas Reservas de Dourados e de Amambai, ambas mais populosas e encravadas nos dois maiores municípios do interior do Estado. É, também, naquela reserva que está a sede da Missionária da Palavra, igreja que apresenta peculiaridades frente às demais, tornando-se, assim, outro alvo importante de estudo. Nas últimas décadas, cada vez mais e novas denominações religiosas vêm atraindo fiéis no interior e na periferia das áreas kaiowá e guarani, tal presença coincide com o processo de confinamento em reservas. Fato que tem promovido transformações em todas as esferas sociais, e, certamente, se apresenta como um facilitador para tanto.

## **Os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul**

No Mato Grosso do Sul, os Kaiowá e Guarani ocupavam um amplo território, coincidindo com o que hoje é denominado região da grande Dourados. Criada para explorar os ervais nativos desta região, a Cia Matte Laranjeira foi responsável por sua primeira ocupação não-indígena de caráter sistemático. A companhia se instalou em 1882 e rapidamente obteve o monopólio para a exploração da quase totalidade da área disponível para aquelas populações<sup>3</sup>. Embora não questionasse a posse da terra, nem fixasse colonos, a Matte Laranjeira promoveu o deslocamento de inúmeras parentelas, que ao se associarem aos trabalhos de colheita da erva, passaram a residir em seus acampamentos. Entre 1915 e 1928, o Governo Federal demarcou oito reservas para os Kaiowá e Guarani, num total de 18.124 ha, pelo menos quatro delas coincidiam com tais acampamentos (idem, p. 62-63). Entre final dos anos 40 e início

dos anos 50, a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND<sup>4</sup> gerou novo impacto sobre a ocupação indígena nesta região. Para a sua implantação foram destinados 300.000 ha (idem, p.75), e várias foram as iniciativas para retirar os Kaiowá que ocupam uma parte significativa dessa área. Porém, diversas parentelas resistiram, se reagrupando em duas aldeias: Panambizinho (Dourados), com 60 ha e Panambi (Douradina) com 300 ha. No mesmo período, teve início a formação das fazendas de gado e, excetuando as oito reservas e as duas aldeias, os Kaiowá e Guarani tiveram a totalidade de seu território apropriado. Inicialmente, foram usados como mão-de-obra para a derrubada das matas, mas ao concluírem o trabalho são transferidos para as reservas.

Como demonstra Brand<sup>5</sup>, entre as décadas de 1940 e 1970, os Kaiowá e Guarani foram expulsos de quase uma centena de aldeias. Eles definem este período como *sarambipa* ou *esparramo*, indicando a intensa fragmentação e dispersão das parentelas. A ocupação não-indígena também resultou na rápida proliferação de doenças, como tuberculose, DSTs, febre amarela, sarampo. Schaden afirma que na Reserva de Dourados, a população “*tem diminuído consideravelmente, sobretudo em conseqüência da tuberculose pulmonar e de outras doenças*” (1974, p. 9)<sup>6</sup>. Quadro também explicitado pelos dirigentes da Missão Caiuá, que apontam a desnutrição como um agravante para esta situação. A restrição das práticas econômicas é outra conseqüência da redução do território e do *sarampiba*. Apesar da principal causa apontada para o abandono das antigas aldeias ser a ação dos fazendeiros, as doenças e os altos índices de óbitos, associados à falta de assistência, mas, sobretudo ao *feitiço*, também aparecem como motivador para tanto. Um dos exemplos são as famílias de Potrero Guasu (Paranhos), que em 1970, mediante apelo por parte da *Missão Evangélica Unida*, transferem-se para a Reserva de Pirajuy, tendo em vista receber remédios e assistência dos missionários<sup>7</sup>. No entanto, se ao final dos anos 70 o processo de confinamento parecia concluído, em 1980 tiveram início as primeiras tentativas bem sucedidas de reocupação de antigas aldeias. Embora estas sejam áreas pequenas, geralmente possuindo entre 1.000 e 3.000 ha, até o momento, 18 novas áreas foram retomadas. De qualquer forma, o confinamento impôs, e ainda impõe, a sobreposição de famílias e de lideranças em uma mesma área.

A questão colocada para os Kaiowá e Guarani, nas últimas décadas, é a necessidade de se reorganizarem em novos espaços e reordenarem muitos dos antigos papéis e práticas sociais. O papel do *ñanderu*<sup>8</sup>, chefe de parentela, referência religiosa, mas também de caráter político, sofreu

muitas transformações, especialmente com a designação do *capitão*<sup>9</sup>. A princípio, o *ñanderu* passou a ocupar uma posição secundária frente às questões de caráter político, mas também, vem se mostrando uma figura frágil na condução da esfera religiosa, na maioria das áreas ocupadas. Hoje, as *rezas* (ou rituais), que a princípio deveriam ser cotidianas, ocorrem com pouca frequência, atraindo um pequeno número de pessoas, geralmente ligadas ao seu núcleo familiar. Os rituais de passagem e as práticas de cura, também estão sendo abandonados. Um exemplo disso é o ritual de passagem masculino, considerado um dos mais importantes, mas atualmente realizado apenas em Panambizinho, que, apesar do confinamento em 60 ha, conseguiu resistir às tentativas de deslocamento. A Reserva de Caarapó, com 3.600 ha, criada em 1924, dá alguns indicativos deste processo. Segundo Schaden (idem, p.9), em 1949, a sua população, majoritariamente Kaiowá, é de 200 a 300 pessoas. Levantamentos realizados pelo SPI, em 1965, indicam uma população de 382 pessoas, e a FUNAI em 1987, relaciona 1.467 pessoas. Assim como as demais reservas, Caarapó recebe moradores das antigas aldeias no decorrer da implantação das fazendas. Atualmente, é habitada por 2.120 pessoas (FUNASA-DISEI/MS, 2000), este aumento populacional, em um período tão um curto está na base de vários problemas: inviabilização da produção econômica, venda sistemática de mão-de-obra para as usinas de álcool<sup>10</sup>, consumo de bebidas alcoólicas, violência, suicídios, entre outros.

### **As Missões Evangélicas**

A Missão Evangélica Presbiteriana, mais conhecida como Missão Caiuá<sup>11</sup> iniciou suas atividades na Reserva de Dourados, em 1928, ano em que se concluiu a demarcação das reservas. Seu trabalho de evangelização estende-se e se apóia em dois suportes: o atendimento à saúde e o ensino escolar. Considerando o quadro vivenciado pelos Kaiowá e Guarani, na época, a missão tornou-se o único local disponível para qualquer tipo de assistência. Na sua primeira fase, uma das maiores demandas era o atendimento à saúde, como foi apontado acima, as epidemias e a desnutrição provocam inúmeros óbitos. Assim, uma das suas primeiras ações foi a construção de um orfanato e de um centro de assistência à saúde, o qual, mais tarde, transforma-se no Hospital da Missão, como é comumente denominado, ocupando-se, prioritariamente, dos casos de tuberculose. Hoje, o hospital dispõe de atendimento diversificado e, ainda, é referência para o encaminhamento de índios, especialmente Kaiowá e Guarani, no Estado. Representa um dos únicos locais

onde este segmento da população é atendido sem qualquer restrição ou preconceito. A assistência à saúde atraiu muitos índios para os trabalhos realizados pela missão. O hospital e a distribuição de remédios sempre foram vistos, pelos fiéis, como parte de uma relação de troca. Neste sentido, também se insere a escolarização, visando instrumentalizar especialmente as crianças para a leitura e para o estudo bíblico. Inicialmente voltada para o atendimento à saúde e posteriormente para o ensino fundamental, a Missão Caiuá, na década de 1930, constrói uma extensão em Amambai, nos anos 50, lança as bases para o trabalho em Caarapó<sup>12</sup>. No decorrer da década de 1960, se instala junto às reservas mais ao sul: Sassoró (Tacuru), Porto Lindo, (Jacareí) e Takuapery (Cel Sapucaia). Embora sem dispor de sedes, também atende áreas menores, como Panambizinho, Campestre (Antônio João), Limão Verde (Amambai), Jaguari (Aral Moreira), Guimbé e Rancho Jacaré (Laguna Caarapã).

Ainda nos anos 60, se instalou em Panambi e na Reserva de Pirajuy (Paranhos) a Deuscher Indianner Pionner Mission, conhecida como Missão Evangélica Unida ou Missão Alemã, com um trabalho integrado a Igreja Evangelica Indigena Unida, esta sediada em Assunção (Paraguai), onde atua entre as populações de língua guarani. A criação da Missão Alemã é decorrência da visita de um evangelista alemão, que se sensibilizou com as condições de pobreza vivida pelos Kaiowá e Guarani - venda de mão-de-obra em péssimas condições, pouca oferta de alimentos -, além da inexistência de assistência frente ao grande número de doenças e óbitos. Inicialmente, a missão organiza o atendimento à saúde, e em 1967, amplia os trabalhos construindo uma escola em Pirajuy. A perspectiva assistencialista promovida pelas missões tem sido fundamental para viabilizar a sua aceitação entre os Kaiowá e Guarani. Muitas famílias, direta ou indiretamente, associam a conversão aos serviços e benefícios oferecidos. A opinião geral é que “*a missão ajuda o índio*”. Nesta “*ajuda*” estão incluídos o hospital, as escolas, a distribuição de roupas, além de vários cursos profissionalizantes. Embora a participação indígena, nestes cursos, seja muito restrita, eles vêm ao encontro da expectativa de vários jovens, que buscam espaços para além dos limites das aldeias e reservas, e neste sentido, as missões acenam com uma oportunidade de qualificação da mão-de-obra. Nesta perspectiva, mesmo para aqueles que não têm acesso aos cursos profissionalizantes, freqüentar a escola, saber ler e escrever, é acrescido de um valor distintivo e representa mais um dos atrativos presentes na conversão.

Uma professora guarani, 32 anos, da Reserva de Amambai, que freqüenta a Missão Caiuá desde a infância embora defina sua conversão

como “*uma opção de fé*”, afirma que muitas pessoas buscam na missão a perspectiva de mudar de vida, pois “*o futuro do índio é se civilizar... mudar, porque a gente sabe que a gente muda*”. Porém, cabe questionar o que significa “*mudar de vida*”. Uma resposta, ainda que superficial, vem de uma senhora kaiowá, 40 anos, da Reserva de Caarapó, que embora participe de uma igreja neopentecostal, tem questionado a sua conversão e faz a seguinte reflexão:

*Antigamente era diferente, tinha reza só do índio Kaiowá e Guarani. Ele andava pelado e ninguém reparava. Depois entrou os brancos e foi ensinando para os índios comer comida do branco, vestir roupa e levar na igreja. Com o passar do tempo os índios foram aprendendo a viver igual aos brancos... Por isso hoje nós só queremos sapato mais bonito, roupa de marcas, queremos estudar e não queremos mais ser índio.*

Outra professora, kaiowá, 30 anos, nascida em uma família evangélica, que vivia parte do tempo entre a Reserva de Sessoró e uma fazenda, também traz indicativos para analisar esta perspectiva.

*Fui educada para viver fora da aldeia... meu pai tinha uma mente do lado mais branco... não queria que eu morasse na aldeia... [Para ele] quem fica na aldeia casa cedo, não tem um futuro, aprende muita coisa que não presta... Meu pai sempre colocou na cabeça, queria que eu estudasse, queria que eu fosse independente.*

Com 10 anos ela iniciou os estudos na escola da Missão Caiuá, pouco tempo depois, mudou-se para a sede da missão em Dourados, a fim de concluir o ensino médio. Viveu um curto período na cidade, quando freqüentava algumas igrejas neopentecostais, mas retornou para a missão, para realizar o curso bíblico. A partir de então passou a ter uma atuação ativa junto a esta, onde também é professora. A participação na igreja torna-se um caminho comum para os filhos de pais convertidos, uma vez que não dispõem de nenhum tipo de inserção nas práticas rituais kaiowá e guarani. Neste sentido, as escolas completam o circuito da alienação do cotidiano da aldeia. Como afirma uma guarani, 40 anos, da Reserva de Amambai:

*Meus pais nunca falaram sobre a cultura mesmo. A gente nunca deu valor a isso, quando a gente era criança, a gente ia na reza, porque tinha um compadre da minha mãe que morava perto, e ele era um rezador... A gente ia pra brincar na noite, gostava de brincar, eu e meu irmão... Mas quando a gente é criança a gente não pára pra pensar... A gente nunca deu valor a isso. E, por um lado, eu percebia, muitas vezes, a missão naquela época, eles sempre falavam que o índio, que o rezador era um feiticeiro, que eles faziam [feitiço]. E a gente aprendeu isso, na própria igreja, na escola... Eu não valorizava mesmo... Aquilo que o branco ensinava a gente, aquilo que tava valendo mais.*

O mesmo pode ser observado em outra fala: “*não foi uma coisa que aconteceu ontem, praticamente, eu cresci naquilo... a minha mãe mostrou os*

*caminhos para gente dentro da igreja, é uma coisa que a gente passou a aceitar". Assim como estas pessoas, seus filhos foram ensinados desta forma, e estes, por sua vez, fazem o mesmo com os seus filhos. Aquela guarani ainda conta que, quando sua filha mais velha era criança, uma das avós incentivava a menina a participar dos rituais. No entanto, ela não permitia, pois tudo que estava relacionado às práticas religiosas guarani era visto pela igreja e, conseqüentemente por ela, como "pecado". Hoje a filha, casada e com seus próprios filhos, ainda tem curiosidade de participar dos rituais, mas nunca o fez. Nesta perspectiva, embora convertido a uma igreja neopentecostal, um jovem, kaiowá, 20 anos, da Reserva de Caarapó, recém-casado e pai de uma criança de colo, coloca o seguinte dilema:*

*Eu tô no meio dos evangélico. Toda a minha família é convertida e acha que eu tenho que sê convertido também. Aí, eu fico no meio. Eu sei que a minha cultura é importante, eu sei que fazê a reza é importante, mas se eu fizê, a minha família não vai gostá. Aí eu não sei o que fazê, eu fico no meio. Não adianta educá como branco, meu filho, que na comunidade ele não vai sobrevivê. Mas ele também tem que se encaixá na minha família.*

Entre algumas pessoas, especialmente os professores que iniciaram a sua escolarização na missão e, atualmente, discutem a implementação da escola diferenciada, observa-se que a conversão e o caminho escolhido para educar os filhos não é algo absolutamente tranquilo. O conflito centra-se no questionamento sobre os valores que movem o comportamento das gerações mais novas, onde aparecem destacados um sentimento de menosprezo ao ser índio, o alcoolismo e o suicídio. Uma professora, guarani, 32 anos, da Reserva de Amambai, afirma:

*Às vezes fico pensando, tem tanta coisa que já deixei de fazer, tem tanta coisa que é importante, eu sei que ela traz resultados bons, mas que hoje eu não tô fazendo mais... A minha filha tá crescendo, assim, numa coisa totalmente diferente, uma linguagem diferente, um modo de ser diferente, num modo de fazer as coisas totalmente diferente... Naquele processo que o branco passa para os seus filhos. Não mais nesse processo que os curandeiros, pajé, tão cobrando da gente. Assim, no sentido de você ser um pai, e que a sua obrigação seria [ensinar] isso. E isso tem trazido muitas outras conseqüências sérias para os nossos filhos. Então, isso é uma coisa séria, uma coisa que leva você a pensar. Porque essa troca? Por que você trocou tudo aquilo?*

Outra professora, guarani, 40 anos, da Reserva de Amambai, compartilha dos mesmos conflitos. Ela conheceu o trabalho da Missão Caiuá, quando foi morar com os seus irmãos, passando a freqüentar a escola e os cultos. No entanto, nas últimas décadas, ao participar das discussões sobre a criação de uma escola diferenciada, passou a refletir sobre "a importância da cultura" e o papel da missão frente a esta questão. O seu

conflito está na percepção de uma contradição entre a fé e os valores construídos a partir da conversão e a importância do que identifica como a cultura tradicional, tanto na sua vida pessoal, como enquanto professora.

[Parei de freqüentar os cultos] *não foi porque eu acho que a igreja não tem mais importância pra mim... Não importa que igreja eu tô seguindo, o que não pode é dar valor só à igreja. Não repassar aquele conhecimento que, por exemplo, que ela [rezadora] me repassa, se eu não repassar pra eles [filhos, netos e alunos], ou ficar zombando, ou meus filhos zombarem dela, desfazer dela. Então é isso que não pode acontecer... Eu posso seguir uma igreja durante muito tempo, mas enquanto eu não me achar! Porque na verdade eu não tinha uma identidade, então a partir do momento que eu voltei lá atrás, comecei a perguntar: como que foi, o que aconteceu, porque aconteceu? E porque é que eu tava ali, naquilo que não era meu? Alguém falando: que isso é errado, isso é certo, se eu não viver dessa forma, eu vou ter um castigo, e essa coisa toda. Então, eu vou tá sempre voltando atrás, pra procurar minhas raízes.*

Outra professora, bem mais jovem<sup>13</sup>, 21 anos, da Reserva de Amambai, afirma que:

*Eu mesma da minha cultura, eu não sabia nada. A gente morava perto da missão, eu ia, né. Só que, como eu era criança, eu não sabia nada. Eu não tinha opção de escolha. Mas agora, com esse estudo do magistério específico, eu fico pensando na cultura. Agora começo a compreender que a gente tem que dar valor a nossa cultura, porque já tá quase esquecido e é importante a gente preservar. Não importa se você segue uma religião ou não... A cultura é o que nós somos... Mesmo que eu possa tá freqüentando a igreja, eu acredito mesmo que o Deus, o que ele fala, que a igreja fala, e que o rezador fala é o mesmo, só tem um. Acho que não tem mais de um Deus. Só que tem uma forma [diferente] de se expressar isso, dos rezadores, com os crentes, daí que vem a diferença.*

Esses questionamentos indicam a percepção de que a Missão Caiuá tem dado sustentação a uma série de mudanças estruturais, pois se o confinamento traz inúmeras transformações, a missão contribui muito neste sentido, pelo menos, frente a um significativo segmento da população. Independente da filiação religiosa é quase um consenso entre os Kaiowá e Guarani que a redução do prestígio dos *rezadores* e o abandono das práticas rituais estão associados a uma série de problemas contemporâneos, na medida em que explicam a proliferação ou o surgimento de inúmeras doenças, entre as quais estão o *fetição*, a violência e o suicídio como indicadores do desequilíbrio da sociedade, em decorrência das inúmeras mudanças, onde incluem o papel dos *ñanderu*. Mas se os *rezadores* se ressentem pelo desinteresse na participação dos rituais, ou por não serem procurados para conversar ou dar *conselhos*, algumas pessoas atribuem o desinteresse referindo-se aos *rezadores* como apenas *yoyra'ija*<sup>14</sup>, e, ainda, por consumirem bebidas alcoólicas industrializadas durante os rituais, justificando, assim, a sua ineficácia. No entanto, os *rezadores*



dividem as responsabilidades com as gerações mais novas, acusando-as de serem permeáveis às influências exógenas, e, com isso, distanciando-se dos valores e das práticas identificadas como tradicionais. Porém, a questão aqui não é definir responsabilidades, mas compreender os reflexos destas percepções nas práticas sociais, e na crescente aceitação da presença evangélica.

Diferente dos exemplos anteriores, um jovem, guarani, 27 anos, é o primeiro integrante de sua família a ingressar em uma religião exógena. Ele nasceu e viveu a maior parte de sua vida em uma aldeia localizada no Paraguai, relativamente distante do contato mais intenso com a população não-indígena. Nessa aldeia, segundo ele, morava um dos *rezadores* mais importantes da região, o qual identifica como *padrinho*, por ter conduzido o seu ritual de batismo. Este é uma pessoa muito próxima e, juntamente com seu pai, responsável pela sua iniciação nas práticas sociais e religiosas. Embora freqüente a escola da Missão Unida, única existente nas proximidades, não se interessava pelas demais iniciativas oferecidas por ela. Aos 10 anos, abandonou a escola para trabalhar em uma empresa ervateira, o que exigiu que permanecesse por vários dias fora da aldeia. A busca de trabalho foi motivada pela perspectiva de adquirir alguns bens de consumo, especialmente roupas e sapatos<sup>15</sup>. O assalariamento foi a porta para o consumo de bebidas alcoólicas e para o ingresso em um grupo de jovens que passa boa parte do tempo provocando brigas na aldeia. Na sua primeira tentativa de sair dessa rotina, retornou à escola, mas não foi bem sucedido, reprovando várias vezes na mesma série, o que o levou, novamente, a abandonar os estudos e retomar aos velhos hábitos.

Afirma que nessa época se sentia muito “nervoso” e era *muito* “briguento”. Seu *padrinho* diagnosticou que era vítima de *feitiço*, e iniciou as práticas rituais necessárias para desfazê-lo. Contudo, ele morreu antes de concluir o tratamento. A sua morte gerou uma crise interna entre as parentelas da aldeia, que só foi resolvida com a vinda de uma *rezadora* de outra área. No entanto, pouco tempo depois, a população da aldeia enfrentou um novo conflito ao concluir que a *rezadora* não era confiável, ou seja, ela “fazia *feitiço*”, o que levou à sua expulsão da aldeia. Estes acontecimentos abalaram o rapaz, que embora ainda se sentisse doente, não acreditava mais nos *rezadores* e nas suas práticas de cura. Nesta época, com cerca de 15 anos, optou por buscar ajuda junto à missão, colocando-se a seguinte questão:

*Vou experimentar se Deus existe mesmo ou não... Eu vou entrar numa igreja, porque se Deus existe ele vai tirar essa mania, esse mal, esse comportamento que eu*

*tenho em mim, ele vai me tirar. E ele vai me mostrar uma maneira de sobreviver. Eu entrei no evangélico porque eu tava perdido, se eu não procurasse uma razão no evangelho pra ter de novo uma confiança em mim, eu tava perdido, eu tinha que buscar alguma coisa... A minha crença, a minha fé, que transformou esse pensamento, pra melhorar... O meu padrinho, ele falou que eu só podia me recuperá através da fé. E quando ele morreu, aí a minha fé foi pra aquela outra [rezadora]. Essa confiança que eu queria colocar naquela outra se perdeu, deu maior pessimismo pra mim. Através do evangelho, através da minha crença em Deus, que eu mudei o meu comportamento.*

Alguns anos depois, o jovem transferiu-se para Mato Grosso do Sul, para fazer o curso bíblico, e acabou por integrar a Missão Caiuá. Atualmente, parece bem sintonizado com os trabalhos e valores difundidos por ela, não apenas pelo destaque dado à eficácia da conversão na sua mudança de comportamento, mas também por defender, com convicção, os princípios apreendidos a partir do evangelho. No entanto, esta sintonia é resultado de um grande esforço pessoal, como ele mesmo afirma: “faz muito tempo que venho fazendo uma pesquisa” tendo em vista, ao contrário do que muitos dizem, defender a tese de que “a missão não tira a cultura”. A *pesquisa* iniciou-se depois da conclusão do curso bíblico e já se estende por quase 10 anos. Envolve conversas com pessoas idosas, convertidas ou não, tendo como público preferencial os *rezadores*. Na verdade, o seu esforço representa a busca em ressignificar o que aprendeu no curso bíblico e os valores difundidos pela missão dentro de uma perspectiva guarani, tendo em vista dar sentido ao que, a princípio, lhe pareciam pólos opostos. Um exemplo disso é a análise que faz sobre o mito de criação:

*Se você comparar a bíblia e a história do povo [guarani] antigo, algumas bate certinho. Por exemplo, aquela história que era dois irmãos, um caçula e um mais velho... Não se sabe de onde que eles surgiram... foi Nanderu [Deus] que colocou eles na Terra. Se, aí comparar na bíblia existe Adão e Eva, só que [eles] já era casal... Naquela época não tinha nada, não tinha roupa, só tinha alimento, só tinha bicho. Tudo era normal, isso que era o cachorro, naquela época era onça, tigre essas coisas. Naquela época, diz que não tinha medo, não tinha essa desunião... Aí, choveu muito. Aconteceu uma desgraça, porque tinha acontecido uma briga lá, surgiu essa coisa de briga, desunião, desigualdade. Aí veio essa chuva grande e matou tudo... morreram todos com água. Aí então, essa coisa também bate. Se comparar a bíblia e a história [dos antigos]... diz que tinha um pau grande, e passou de dois em dois animais. E até foi o índio que fez isso, o Adão... Depois eu fiquei pensando: porque cada tribo, cada raça, cada língua chama Deus de uma maneira?... Eu acredito mesmo, Deus existe. O meu padrinho sempre falava isso pra mim, que Deus existe, Deus cuida, está com a gente. Deus está aonde a gente está, ele existe em toda parte.*

O jovem mostra o esforço em traçar um paralelo entre os mitos guarani, em especial aquele conhecido como o “mito dos gêmeos” e os

mitos bíblicos. Para ele, porém, ainda persiste uma questão, pois em sua *pesquisa* percebe diferentes versões para os mitos guarani. Na busca de encontrar uma solução, atribui as diferenças aos equívocos dos narradores:

*Tem muita coisa invertida na história [mito], tem muita coisa que observei, depois que entrei no evangelho. Eu tô comparando, o evangelho o tempo todo... tem coisa que não dá pra acreditar, porque a gente descobre que teve uma enganação... O pessoal não escreveu aí esquece, inventa... Vem a interpretação de geração a geração e a história, a cada ano, se modifica, se modifica e se perdeu na realidade. Então, é por isso que eu digo, muitas histórias bate com a bíblia, só que tem muitas coisas que não bate, porque esqueceu. Se não esquecesse aquela história da bíblia até chegar até nós, a história tava até hoje certinha... Isso que me preocupa também, porque muito pessoal começa falar, só que fala e não bate, inventa as coisas. E de repente, como os mais novos vão entender, escutar isso... Se esse povo [antigo] colocasse a história na escrita, dava certinho. Porque se eles colocasse na escrita, aí até hoje essa história, realidade desde o começo [do mundo] até hoje não modificaria não.*

Ou seja, frente às diferentes versões, o parâmetro para estabelecer qual a correta e qual a “inventada” passa a ser a bíblia, pois afinal, para ele, esta possui uma versão única, porque foi escrita e, portanto, não é passível de ser alterada.

Como pode ser observado em alguns relatos acima, a idéia de um Deus único é outro elemento que garante a convergência entre as duas expressões religiosas. Embora tanto o panteon kaiowá quanto o guarani apresentem dezenas de divindades, há a crença de que *Ñanderu* é a primeira e mais importante delas, que se auto-cria e é responsável pela criação das demais, além da criação da terra e da própria sociedade. É este um dos pontos centrais da tese do jovem acima citado, unificar as figuras de Deus e de *Ñanderu*. A mesma síntese está presente em inúmeros outros relatos:

*Deus fez o céu, fez a terra, e na nossa história [nos mitos], quase chega na mesma conclusão, só que de uma forma diferente... Seria o mesmo Deus, aquele que o cacique fala e aquele que a igreja fala, que a bíblia conta. Então não tem tanta diferença... A gente sabe que Deus existe, e tanto na forma deles [nos cultos] repassarem isso pra gente, tanto na forma do cacique contar história ou das histórias que a gente ouve sobre a criação do mundo, sobre como as coisas vão acontecendo. Se a gente for concluir, a gente vai chegar na conclusão que é o mesmo Deus. Só que cada um adora de uma forma diferente.*

Porém, nem todas as opiniões são convergentes. Para uma liderança de parentela, kaiowá, de Yraroka (Carapó), com mais de 60 anos, que nunca participou de uma igreja evangélica:

*O crente reza pra Deus também, mais não pertence mais pra nós. A reza do crente não adianta, a reza do crente que terminá a cultura, corta o interesse. O crente não é da nossa cultura, crente já é outra linha, é com a bíblia. O pensamento muda, tem*

*gente que acha que vai pra frente, mai vai pra trás mesmo. A reza não tá na bíblia, não, mais tá na gente.*

Alguns ex-convertidos partilham desta opinião. Uma liderança de parentela, da aldeia Takuara (Ponta Porã), que participou da Missão Caiuá e da Igreja Quadrangular por mais de 25 anos, afirma que “muitos se tornam crente pra imitá o branco, não dá certo porque nós índio já têm nossa religião.” Um senhor, kaiowá, com 45 anos, da Reserva de Amambai, que fez a sua formação escolar e religiosa junto à Missão Caiuá, hoje repensa a sua trajetória, reconhecendo que: “nós desvalorizamos os ensinamentos da nossa cultura, por causa dos ensinamentos religiosos. Eles [missionários] vieram para o índio ensinando a desvalorizar a sua cultura”. Pelo menos entre as pessoas entrevistadas, o que está ressaltado são os conflitos gerados a partir da conversão nestas quase sete décadas de atuação das missões entre eles. No entanto, há um consenso sobre a relevância do trabalho de apoio realizado, principalmente, no campo da saúde e da educação. Embora com uma atuação de caráter essencialmente assistencialista, as missões, durante muitos anos, foram as únicas instituições que prestaram alguma forma de atendimento a estes índios, como foi apresentado acima.

### **Igrejas neopentecostais**

As igrejas neopentecostais começam a ter seus templos no interior das reservas no final dos anos 70. Inicialmente em Dourados<sup>16</sup>, onde se concentram em maior número, tanto no interior, como na periferia da área. Nas outras reservas, elas marcam presença no início dos anos 90, mas apenas com a realização de cultos, a construção de sedes inicia em meados desta década. Desde então, o número de diferentes denominações e de adeptos vem ampliando. A princípio, os cultos são dirigidos por pastores não-índios, porém, gradativamente, os Kaiowá e Guarani se apropriam desse espaço, e hoje, estão à frente da maioria dos templos. Contudo, não é fácil precisar números, há muita mobilidade entre os freqüentadores, alguns já passaram por duas, três ou mais denominações diferentes. Ao que parece, elas tiveram duas portas importantes de entrada nas reservas: a participação de famílias nas igrejas situadas na periferia das áreas e os cultos realizados nas usinas de álcool, onde pastores índios e não-índios freqüentam regularmente, fazendo muitos adeptos. Segundo levantamento preliminar as denominações que possuem sedes no interior das áreas Kaiowá e Guarani são: *Deus é Amor* (Dourados, Amambai, Limão Verde, Caarapó, Pirajuy, Porto Lindo, Takuapery, Guasuty e

Rancho Jacaré); *Assembléia de Deus* (Dourados, Limão Verde, Porto Lindo); *Congregação Cristã do Brasil* (Dourados, Amambai, Takuapery, Limão Verde, Caarapó, Sessoró, Jaguari e Pirakuá), *Visão Missionária* (Amambai), *A Palavra de Cristo para o Brasil* (Dourados), *Só o Senhor é Deus* (Dourados, Amambai), *Pentecostal de Jesus Cristo* (Amambai), *Alicerce de Fogo* (Amambai), *Missionária da Palavra* (Caarapó, Sessoró, Amambai, Porto Lindo), *Cantores de Salomão* (Dourados), *Pentecostal Indígena de Jesus* (Dourados, Caarapó, Sessoró), *Igreja Quadrangular* (Dourados) e *Estrela da Manhã* (Dourados).

A primeira igreja a ser construída na Reserva de Caarapó foi “A Palavra de Cristo para o Brasil”, em 1996, quando Silvio, Kaiowá, 42 anos, assume o posto de *capitão*. Inicialmente, os cultos eram realizados por um pastor não-índio, mas, em poucos meses, ele e sua mulher assumem a direção da igreja<sup>17</sup>. *A Palavra de Cristo para o Brasil*, em Caarapó, enfrenta uma grande flutuação no número de adeptos, mudou de nome e de orientação mais de uma vez, e hoje é uma igreja autônoma, designada *Missionária da Palavra*. De acordo com Silvio, em Caarapó, quase uma centena de fiéis regulares e mais de 400 irregulares freqüentam a igreja. Há três anos, ele busca a sua expansão para outras áreas indígenas. Em anos anteriores, Silvio era *vice-capitão* da reserva, e a sua destituição esteve ligada a problemas decorrentes do excessivo consumo de bebidas alcoólicas. Ele acredita que reassume a liderança em decorrência das mudanças de comportamento apresentadas após a conversão. No entanto, no primeiro ano de exercício como *capitão*, esta opinião não é consenso. Pois, além de trazer a sua igreja, dá sustentação para a entrada de outras denominações neopentecostais na reserva, suscitando um grande descontentamento. Parentelas aliadas e de oposição mobilizam-se para destituí-lo. Contudo, ele apresenta grande habilidade para encaminhar problemas internos, ao mesmo tempo em que sedimenta a sua igreja, ampliando o número de adeptos e, assim, a sua base de sustentação. Paralelo a isso compõe e fortalece alianças com lideranças de outras áreas, além de garantir o apoio de órgãos públicos - FUNAI, FUNASA, prefeitura -, ONGs e universidades, atraindo para a reserva uma série de iniciativas, que resultam na implementação e na qualificação de ações voltadas à produção econômica, à saúde e à educação, desmobilizando completamente a oposição. Permanece como *capitão* por três anos, deixando o cargo para assumir a chefia do posto da FUNAI, mas, não sem antes indicar e dar sustentação ao seu substituto. O *capitão* e o *vice-capitão*, em exercício, pertencem à parentela de Silvio e possuem uma importante atuação na sua igreja<sup>18</sup>.

O fato de Silvio ser pastor tem apresentado algumas peculiaridades no exercício da liderança política, em Caarapó, pois de certa forma, realiza uma interseção destes papéis, o que não deixa de fazer alusão aos antigos *ñanderu*. A sua sedimentação como *capitão* e como pastor se dá de forma concomitante. Embora nem toda a população veja as igrejas com bons olhos, as críticas às lideranças são poucas e geralmente pontuais. Entre os aspectos positivos mais ressaltados estão a redução dos casos de violência e de suicídio. Silvio atribui isto, justamente, ao fato de agir de forma preventiva e apoiando-se no papel de pastor e de *capitão*. Segundo ele:

*Dô um conselho bom pra pessoa, pessoa vê que tá errado... depois, ela mesmo dá testemunho [na igreja] que tava errado mesmo... Eu trabalhei muito em cima desse suicídio. Por exemplo, aonde, quando acontece, assim, a gente escuta a pessoa que qué se suicidá, a gente vai, conversá com essa pessoa, diz que não pode fazê isso. A gente fala: vamo conversá, o que que tá acontecendo... Às vezes ele bebe, às vezes ele briga, então ela briga com o marido. E ninguém resolve pra ela. Então, no meu trabalho, faço assim. Quando acontece eu vô lá, converso com a pessoa, vamo conversá, sentá, então pessoa vai vim entendendo que não pode fazê. Muita pessoa eu já recuperei aqui, através, assim, dessa conversa.*

Se por um lado esta é a atuação esperada de um *capitão*, também é a forma de um pastor atrair adeptos. É difícil afirmar se a expansão da Missionária da Palavra em Caarapó e em outras áreas é um projeto religioso que traz frutos políticos ou vice-versa. Hoje, além de promover cultos regulares nas usinas de álcool, e nas Reservas de Porto Lindo, Dourados e Pirajuy, possui templos nas Reservas de Amambai e Sassoró. A estratégia de expansão se dá da seguinte forma: alguém de prestígio ou ligado à liderança local organiza um almoço, para o qual os pastores são convidados a falar sobre a bíblia e dar o seu *testemunho*. Havendo o interesse do grupo local, tem início a realização dos cultos e, posteriormente, a escolha de um pastor e a construção da igreja. Este, entre vários outros aspectos, tem permitido a Silvio ocupar um lugar de destaque entre as lideranças Kaiowá e Guaraní no Estado.

A Igreja Deus é Amor foi a segunda a ter sede em Caarapó, também em 1996, trazida por um pastor da Reserva de Dourados, mas, em seguida, passa a ser dirigida por dois moradores da área. Apresentando um número de adeptos bastante irregular, dois anos depois a igreja é fechada, porém em 2000 é reaberta por outro pastor. Crentes e não-crentes, se referem à *Deus é Amor* como a igreja mais rígida a atuar entre os Kaiowá e Guaraní, justificando, assim, a grande flutuação de adeptos. Segundo seus dirigentes, ela é freqüentada por cerca de 50 pessoas. A Igreja *Pentecostal Indígena de Jesus* foi criada por Adão, kaiowá, 30 anos, com apoio de um pastor de Dourados. Ele teve seu primeiro contato com

os cultos, há quatro anos, quando trabalhava em uma usina de álcool. Afirma que a sua curiosidade foi despertada pelo *testemunho* de outros índios: *“áí eu pensei, eu vou tentar essa parte evangélica. Se melhorar minha vida, eu vou continuar”*. Frente à experiência vivenciada a partir da conversão, que segundo ele envolveu muitas mudanças no seu comportamento e no da sua família, Adão convida parentes e vizinhos para participarem de reuniões em sua casa, nas quais, dá conselhos, *“dá o seu testemunho”*, e, eventualmente, lê e discute a Bíblia. Esta é a base da formação da igreja, que hoje conta com cerca de 40 adeptos regulares. Segundo Adão, o número de pessoas que passou por sua igreja é muito maior, mas vários desistem, pois não conseguem deixar de consumir bebidas alcoólicas, para ele: *“o pessoal não quer largar a pinga. Ele caminhou, depois voltou outra vez na vida. Então, por isso tem muita gente que se perde.”* A mais recente denominação a ter templo em Caarapó é a *Congregação de Cristo para o Brasil*. Diferente das demais, o pagamento do dízimo não é obrigatório e a figura do pastor dá lugar ao cooperador, contudo, parece que ambos têm uma atuação bastante semelhante. Talvez pelo pouco prestígio do cooperador e de sua família na reserva, essa igreja não encontrou muita receptividade, mantendo um caráter essencialmente familiar.

Assim como entre os missionários, os seguidores das neopentecostais tecem suas críticas aos *rezadores*, referindo-se à prática de *fetiço*, ao consumo de bebidas alcoólicas e à ineficácia das práticas rituais. Adão, dirigente da *Pentecostal Indígena de Jesus*, em Caarapó, participava dos rituais kaiowá, mas hoje acredita que o consumo de bebidas é responsável pelo comprometimento destes, bem como por gerar desentendimentos e brigas, inclusive com uso de violência, em tais ocasiões. Esta é uma das razões que leva um senhor, kaiowá, de 45 anos, a abandoná-los, filiando-se a uma igreja neopentecostal. Para ele: *“hoje [os rituais] tá bagunçado... tem briga, antigamente não tinha pinga, pessoal vinha pra aconselha”*<sup>19</sup>. Aquino, “substituto do pastor” da *Deus é Amor*, em Caarapó, e filho de *rezador*, também era um participante assíduo dos rituais, mas para ele: *“a reza hoje não ajuda o pessoal, já faz essa reza, já faz com bebida... É difícil achar alguém que não faz com isso... Quando fazia reza, terminava tudo bêbado”*. A relação entre a ineficácia dos *rezadores* e o consumo de bebidas alcoólicas aparece em vários relatos. Segundo uma senhora, kaiowá, 34 anos, que teve um grave problema de saúde e não quis se submeter à cirurgia<sup>20</sup>: *“doença que não cura no hospital e benze, fica assim mesmo [não cura]... médico não cura, cacique não cura”*. Seu marido, kaiowá, 45 anos, conclui:

*A reza kaiowá não faz mais serviço certeza. Quando vai na reza tem que levá cinco, seis litro de pinga ... Se não tem dinheiro não compra, se não leva pinga, não faz*

*reza e se não bebe pinga não sara... Antigamente tinha muito rezador, hoje não tem mais nenhum que seja de confiança.*

O “*substituto do pastor*” da *Deus é Amor* traz a sua análise para estas questões:

*A lei de antigamente é muito diferente do que hoje. Antigamente a gente não faz o que hoje tá fazendo. Então mudou a natureza... Antigamente não estudava, antigamente aprendia de Deus, os índio mesmo não estudava, não existia doutor, não existia enfermeiro. Antigamente vivia com respeito, hoje já não tem mais. Menina de 12 anos já bebe, já fuma, hoje os índio vive muito diferente... O diabo já tá agindo na cabeça deles... até [d]o rezador.*

A idealização dos antigos rezadores e a tendência a estabelecer uma convergência entre o papel desempenhado por eles, no passado e, pelos pastores, no presente está presente em muitos relatos. Para João Gularte, capitão da reserva de Caarapó e membro da *Missionária da Palavra*:

*O povo antigo não tinha vício, [assim] como na igreja. Não tinha vício, não fumava e não tomava pinga... Hoje, esse cacique põe um penacho na cabeça, um colar no pescoço, faz um kurusuzinho na madeira, um mbarakazinho<sup>21</sup> pra rezá, pra ajudá a pessoa, [mas] só pra trazê a bebida, o cigarro, uma pinga pra ele. Assim ele reza, se não trazê, ele não reza. Hoje é assim, o antigo não, os antigo já de tardinha ia lá, onde ia rezá, dançá. Ele ia direto, não ligava com nada, os antigo ensina, como [hoje] ensina a igreja. Ensinava não brigá, respeitá os mais velho, os mais novo, respeitá as crianças... Os antigo ensinava como a igreja hoje tá ensinando o pessoal que chega na igreja... aquele que briga com a mulher, que bate nas crianças, que vem judiando na comunidade, ele vem na igreja, pra nós é muito mais vantagem, porque a igreja, tira a pessoa da maldade, tira do vício, tira do cigarro, tira da bebida, tira do espancamento, tira do estupro, tira de toda a briga, tira. A igreja ensina que não bate na outra, não judia na outra, não tem inveja, o ódio na outra... A igreja ensina pra tirá do mal pro bem.*

Embora em um contexto bastante diverso daquele vivenciado no início do trabalho das missões, os problemas ligados à saúde são os maiores motivadores da conversão às igrejas. A senhora mencionada acima afirma: “*se tem doença e não sará, então vai na igreja e sara, aceita Jesus e sara.*” Durante três anos ela passa pela assistência de vários médicos e participa de rituais de cura com um rezador, sem perceber melhoras. Porém, ao seguir a recomendação de um pastor, para que use “*óleo ungido*” e freqüente os cultos, de acordo com ela: “*em quinze dias estava curada, e não fui mais no médico. Tem muita gente que foi curada assim. Melhorei e não paguei nenhum tostão*”. Inicialmente, seu marido não aceita a sua conversão, segundo ela, fez até reza para que abandonasse os cultos. Mas, frente à recuperação da esposa, passa a confiar nos pastores e também se converte, tendo em vista buscar solução para os seus problemas:



*Quando bebia, ficava loco, loco mesmo. Não tem mulher pra mim, filho, pai, não tem nada pra mim. Eu não vô solucioná... Aí, já penso em suicidá. Porque não tinha nada pra mim. Aqui na terra não tem solução pra mim... Não tem mais solução, aonde que é bem, não vô mais achá solução. Pai tá velho e é bêbado, não tem mais solução pra ele. Meus parente também é assim. Quem vai orientá? Por isso que queria suicidá... Bagunça tudo, aí se suicida... Depois ela [esposa] disse pra mim aceitá Jesus... Se eu não aceito Jesus eu morria. Agora eu tô curado. Junto com minha família, mudô a vida. Entreguei minha vida pra Senhor Jesus e tô esperando pra vê o que acontece.*

Uma senhora, kaiowá, 35, explica os motivos que levaram à sua conversão:

*Eu bebia muito... Fica com fraqueza pro álcool, a gente perde a clareza... Não tem quem orienta. Acha que a bebida é vida... Eu não tenho mais a chance de achá a solução da vida. Tentei enforcá. Toda a minha família tentô se matá... Comecei bebê com 18 anos... problema no casamento. A gente não tem mais valor, ninguém confia mais na gente, aí perde a cabeça. Depois que bebe não tem condição de voltá.*

Ela tentou o suicídio por duas vezes, na última consumindo soda cáustica, o que lhe deixou várias seqüelas, especialmente na região da boca. Segundo ela: *“chorava muito, depois que tentei me suicidá, eu não tinha mais paz”* Mas, por interferência de sua mãe, um pastor passou a visitá-la, e depois de alguma relutância optou pela conversão:

*Eu já passei por muita coisa ruim na vida. Eu vô sê crente e pará de bebê pinga... tem que achá uma maneira de recuperá a minha vida... Comecei a orá e apegá mais com Deus... Se Deus me dé essa graça, se ele me ajudá eu vô mudá a minha vida. E fiz a campanha pra Deus... Em trinta dias voltei a falá direito... Larguei de vez a pinga... Aí recebi a obra do Senhor e recuperei... Deus fez o seu milagre. Hoje não sô mais defeituosa... Nem brigo mais em casa... Deus realizô pra mim o meu pedido. Aí fiquei tranqüila. Graças a Deus eu sô crente. Eu confio muito em Deus e agradeço muito a Deus, porque tava no último período da minha vida.*

Aquino e sua esposa começam a freqüentar a *Deus é Amor* depois que sua filha, contaminada por *feitiço*, é curada durante um culto. Ela já havia se submetido a tratamentos médicos e de *rezadores*, sem obter resultados. Aquino, também encontra na igreja a cura para os seus problemas:

*Bebia pinga, muita briga com a mulher, os dois tavam separados, já tava vivendo com outra pessoa. Tudo por causa da bebida. Aí eu vi os crente andá certinho, vi que eles tinha a vida certa. Aí perguntei: será que a minha vida vai mudá mesmo? Aí entrei e mudei a minha vida... Primeiro a vida era só tristeza, só destruição. Aí, parei de bebê e parei de brigá.*

Outra senhora, kaiowá, com cerca de 30 anos, conta que depois do suicídio de sua filha de 9 anos, os problemas com o marido se agravaram, muitas brigas às vezes envolvendo agressão física. Contudo, por influência

de parentes, ela e, posteriormente, os filhos e o marido ingressam na *Missionária da Palavra*:

*Bebia porque não pensava em nada... vivia abandonada... e pensava eu tô sozinha, não tem solução pra mim. Mais tinha, aceitei Jesus. Quem tem Jesus no coração não sofre... Se não aceitasse Jesus, ia morrer. Eu bebia muito, só pensava em suicídio. Graças a Deus, Jesus me libertou e eu tô bem. Agora tô bem!*

O depoimento de Adão, dirigente da *Pentecostal Indígena*, traz o mesmo conteúdo:

*Naquela época tava vivendo assim, sem experiência. Eu só bebia cachaça, muita assim. E eu não conseguia meu caminho certo.... Aí eu batia muito na mulher e apanhava da minha família. E até estranhando meu pai e minha mãe, também... Pra mim não importava, porque tava muito drogado, tomava muita cachaça e fumava muito. Aí já minha esperança foi abalada. Aí eu pensei, eu vou tentar essa parte evangélica... Aí minha vida foi transformada... Até criança, até a minha esposa já tinha confiança em mim... Naquela época ela não era crente. Falei pra ela: agora a minha vida já é outra qualidade, agora parei de beber, agora não vou incomodar muito você. Se é bom essa parte do evangelho, então vamos tentar, falei pra ela. A minha mulher também bebia... Aí eu falei pra ela: a parte que você tá caminhando não é muito boa, é perigoso. Tua família perde... Aí entrou na cabeça dela, aí entrou [para a igreja], e parou de beber. Aí ficamos tranqüilo. Não incomodo mais ninguém. Na época não, não tem jeito do pessoal pra combinar comigo, porque eu bebia muito, não tem jeito. Agora, a minha vida transformou.*

Uma senhora, kaiowá, 45 anos, que já havia freqüentado outras igrejas, antes de ser batizada, há quatro anos, na *Congregação Cristã* afirma que:

*Antes da igreja, não tem coragem pra mim, parece que meu pensamento não acorda. Aí acabou aquele sofrimento. Hoje é mais fácil pra fazê as coisa, pra roçá, criá animal... Oito anos de sofrimento, doença, criança pra cuidá, sem coragem pra nada. Eu não tinha coragem pra nada, não agüentava fazê o serviço. Eu não tinha nada, nem chinelo pra calçá, roupa boa, não tinha. Deus me chamô na sua graça. Fiz a vontade de Deus. Aí tinha coragem pra trabalhá, [hoje] tenho força. Tô contente agora, Deus me revelô, falô comigo... Eu vi na minha frente uma pessoa, assim, que não chega pisar no chão, ela fica no ar<sup>22</sup>. Ela falô comigo, leu assim a [um trecho da] bíblia, e eu acredito.*

O dirigente da *Missionária da Palavra*, em Caarapó, conta que bebeu muito durante sete anos:

*No passado eu e minha mulher, a gente sempre brigava, entre os parente a gente brigava. Toda vez que a gente bebia, brigava, não tinha solução... A gente se juntava no sábado assim, bebia depois já saía briga. Eu trabalhava, voltava, toda vida, na minha casa a gente brigava. Trazia muito bebida, então aí a gente machucava todo mundo. Aí a gente não tinha solução. Aí, em [19]93, a minha mulher já começô a beber até demais, já, aí ela foi tentá suicidá... Daí pra frente eu fiquei pensando o que deveria fazê. Nós já freqüentava a Missão [Caiuá], aí, voltamos, e entrei em confusão.*

*Aí eu disse: acho melhor a gente seguí o evangelho, porque assim não dá certo pra nós. Aí começamos a vê as pessoas de fora, lá em Dourados [o pastor] foi conversá com minha esposa... deu conselho pra ela... Aí a gente comentou com ele essas coisas, nós começamos a se reunir, pra [o pastor] nos dá conselho... Hoje, não, se junta tudo [a família] aqui na minha casa, mas não é mais para beber. Hoje a gente faz almoço para se reunir... Veio pastor levanta nós, depois não caiu mais ninguém... Aí nós vimos que deu resultado prá nós, aí começava a falar pra os outros, que tava melhorando pra nós, que não tava mais bebendo, não tava mais brigando. E, aí nós começamos a montar a igreja.*

Os relatos acima apresentam aspectos recorrentes: por um lado a falta de orientação, de conselho, e a falta de perspectiva, transformando o alcoolismo e o suicídio em alternativas; por outro, a superação dos conflitos, viabilizada pelo suporte recebido através dos pastores e de suas igrejas, onde destacam a eficácia dos conselhos e dos rituais de cura. Dar conselhos e garantir a intermediação com o sobrenatural era parte integrante das práticas dos antigos *ñanderu*, a rotina das famílias, até uma ou duas gerações, apresentava momentos privilegiados, ritualizados ou não, voltados essencialmente para estes aspectos. Porém, parece que para um significativo segmento da população, esta expectativa, hoje, recai sobre os pastores. As igrejas mencionadas, pelo menos uma vez por semana, realizam cultos voltados unicamente para a cura. Pastores e fiéis arrolam as inúmeras graças alcançadas durante eles. Silvio comenta a dinâmica destes rituais:

*A gente faz um culto grande, a gente tá fazendo oração... Vai mais a fé da pessoa. Eu não tenho nada, por exemplo, eu dirijo, não tem nada de poder. A pessoa vai orá, vai pedi pra Deus prá curá a gente. Então tudo que a gente fala acontece. Ele tá sendo curado... Eu mesmo não sei nada. Apenas a gente tá falando da bíblia, né? Na hora do círculo de oração, faz oração, na hora do canto, a gente tá cantando. Tudo as pessoas tá alegre, cantando, acontece isso [a cura].*

Portanto, o que pode ser observado, é que mesmo utilizando caminhos diversos aos dos *ñanderu*, os pastores, de alguma forma, recompõem os vínculos com o sobrenatural, na medida em que recriam os rituais, exercem o papel de conselheiros, fornecendo elementos que permitam restabelecer a ordem, do ponto de vista pessoal. A igreja, ainda, oferece um novo referencial para recompor a unidade familiar, esta, contudo, se amplia, na medida em que agrega os "irmãos de fé". Pelo menos no que diz respeito aos adeptos da *Missionária da Palavra*, outro elemento é tido como decisivo no controle daquelas doenças e demais problemas presentes na rotina kaiowá e guarani. Semanalmente, a igreja promove cultos voltados para toda a comunidade, sejam crentes ou não-crentes: "Se faz campanha a favor de quem não é crente. Se pede a Deus pra tê misericórdia do povo que mora nesta área indígena, pra afastá esse espírito mau".

Não é possível aprofundar aqui as concepções kaiowá e guarani sobre as práticas rituais ou sobre a cosmologia, mas em vários aspectos há como estabelecer convergências com as concepções difundidas, especialmente, pelos pastores índios. Um exemplo é a percepção sobre a dualidade da alma humana e as noções de saúde e doença, nela implícitas. Ainda que de maneira bastante superficial, pode-se dizer que as populações de língua guarani acreditam que a alma humana é composta por uma parcela de origem divina e pelo menos uma de origem telúrica. Ambas relacionadas à construção da pessoa: a primeira envolve um comportamento virtuoso em potencial, igualando homens e deuses, no qual as práticas rituais e a reciprocidade são as principais marcas, definindo, assim, a conduta ideal da pessoa; enquanto que a segunda revela atitudes individualistas, agressivas, depressivas ou qualquer forma tida como não ajustada ao convívio social. A preponderância de uma ou outra é definidora do caráter da pessoa, sendo que a expectativa, ao longo da vida, ou seja, na passagem por esta Terra, é permitir que a alma de origem divina prevaleça frente à alma de origem telúrica. A superação desta garantiria a ascensão ao mundo dos deuses, sem passar pela morte. Embora a maioria dos Kaiowá e Guarani tenham ouvido falar ou mesmo afirmem ter conhecido pessoas que atingiram este ideal, dizem que, no presente, isto não é mais possível, pois por diversas razões, não cumprem mais os preceitos necessários para atingir tal estado de perfeição. Desta forma, parece que nas falas acima, o que se observa não é apenas a manifestação de um estado de doença, mas a inviabilidade de superação da alma telúrica. Neste aspecto, a ineficácia dos *rezadores* e o não exercício das práticas rituais, onde se incluem os rituais de passagem, marcam a sua influência.

*Antigamente, antes de ter essas coisas [refere-se às mudanças de comportamento] na aldeia vivia em harmonia, não tinha doença. Os cacique tinha força, hoje não têm mais.*

*A doença chega porque a gente não faz reza pra afastá ela. Hoje a gente tem que se cuidá de tudo. Não existe mais aquela saúde de antigamente... Todas as doença ruim já existia. Não pegava porque os cacique rezava.*

Nesta perspectiva, as igrejas e seus pastores parecem surgir como uma alternativa, pois também entendem o *feitico*, o suicídio<sup>23</sup>, os distúrbios emocionais, o consumo de bebida alcoólica, entre outros, como estados de doença que se manifestam a partir da influência de elementos externos à pessoa. Para elas, seriam manifestações ligadas ao “diabo”, enquanto para os Kaiowá e Guarani, não-crentes, estariam relacionadas à manifestação da alma dos mortos, do *dono das doenças*, etc. Portanto, em ambos os casos, a orientação e a intervenção mágica tornam-se imprescindíveis.

*A bíblia fala que existe o inimigo e existe vida boa. Tem o lado bom, que é da parte de Deus. Então, quem serve a Deus, ele tá sentindo que ele tá sendo libertado por Deus. Se ele tiver alinhado naquela liberdade que Deus vai dando pra ele, a oportunidade pra ele viver a liberdade. Agora, se ele tiver na bebida, ele vai brigar. A gente deve analisar que existe o inimigo que usa aquela pessoa também pra fazer tudo isso. Então, a gente coloca uma coisa, ele que vai escolher.*

Ao ser questionado sobre quem seria tal inimigo, Silvio explica: *“em português fala diabo, em guarani fala aña, mas no final é a mesma coisa, isso é o inimigo da pessoa”*. Essa explicação não envolve apenas uma tradução linear, mas uma série de outras concepções. Para os Kaiowá e Guarani, crentes e não-crentes, a escolha da *“vida boa”* está associada à neutralização de uma série de elementos externos à pessoa que atuam negativamente sobre a sua alma, sendo responsáveis diretos ou indiretos pela proliferação de todo o tipo de doença. Este parece ser um dos aspectos que tem facilitado a aceitação das neopentecostais<sup>24</sup>. Neste contexto, outro conceito interessante é o de *vaidade*, bastante difundido entre os adeptos da *Missionária da Palavra*. A *vaidade*, para eles, representa os aspectos negativos da conduta da pessoa: *“vaidade é a ruindade que as pessoas têm”*. Os fiéis questionados sobre o significado da expressão, a definem da seguinte forma: ter *vaidade* é fazer coisas em benefício próprio, não viver bem, estar perturbado, ser violento, ser nervoso, consumir bebidas alcoólicas, etc, ou seja, aspectos associáveis à alma de origem telúrica. Para eles, é justamente através da *vaidade* que atua o *inimigo*, combatido nos cultos. Uma análise realizada por um jovem kaiowá, que frequenta a *Missionária da Palavra*, segundo ele, mais para acompanhar a família do que por convicção, traz aspectos interessantes para compreender todas estas e outras ressignificações:

*Os patrício aqui não é crente que nem o branco. Os branco é crente mesmo. Aqui pros índio entra um pouquinho, depois sai. Eles não sabe o que é crente mesmo. Nem os dirigentes sabe. Eles fala que sê crente é expulsá demônio, e que um dia eles vão pro Céu... Demônio na cultura, a crença é igualzinho, mas a explicação é diferente. O antigo sempre falava que o sobrenatural, os espírito mau faz parte da crença dos Kaiowá e Guarani. Faz o Kaiowá ficá brabo, revoltado. Quando tem esse homicídio, não é o homem sozinho que faz isso, é o espírito mau que faz ele fazê. Eles [rezadores] têm reza pra espantá isso. Por isso que usa tambeta<sup>25</sup>, pra sê puro e não acontecê isso. Na verdade, o Kaiowá e Guarani não entende mais isso, eles não sabe mais isso. Na verdade, não tem quem orienta, não tem mais cacique pra isso. Agora é só capitão. Antes os cacique sentava, contava as história, orientava mesmo a sua família... Os crente combate a mesma idéia de demônio dos antigo, mas ele exagera demais, não dá liberdade para a pessoa.*

Ainda é interessante destacar que é parte integrante do discurso dos pastores a perspectiva de que aqueles dedicados aos preceitos da

igreja ascendam ao Céu e estejam com Deus, no dia do “juízo final”. Ascender ao mundo dos deuses, quando da destruição da Terra, é outro tema recorrente na mitologia guarani. Portanto, da mesma forma que os adeptos das missões, os fiéis das igrejas também ressignificam os relatos bíblicos. No entanto, ao que parece, entre estes, ou pelo menos para os freqüentadores da *Missionária da Palavra*, a referência para a análise parte da mitologia guarani, como afirma Silvio:

*É tudo igual... muda que, na igreja, a gente reza com a bíblia. A bíblia mostra as coisa que os antigo ensinava, só que tá escrito. O que mostra na bíblia é a mesma coisa que o pai ensinava pra gente... O que ele [o pai] falou prá nós é verdade. Então, só que eu acho a história dela é um poquinho diferente, a historia da bíblia é um poquinho diferente, mas só que bate igual.*

Para a *Missionária da Palavra*, assim como para a *Pentecostal Indígena*, há uma certa complacência com as demais igrejas, bem como com os *rezadores* e as suas práticas rituais. Adão justifica-se fazendo referência ao princípio do amor ao próximo e à necessidade de respeitar as pessoas e suas crenças. Silvio, na condição de pastor, *ex-capitão* e chefe de posto da FUNAI, afirma que não só aceita, como apóia a missão e as demais igrejas presentes na reserva, bem como os *rezadores*. De fato, isto pode ser observado em várias oportunidades e, recentemente, ele convoca os dirigentes de igrejas, em especial os da *Deus é Amor* para exigir maior respeito aos *rezadores*. Embora questionem a sua eficácia, a percepção dos *rezadores* frente às igrejas, também, tende a não ser de oposição, em especial, no que diz respeito à *Missionária da Palavra*. Pelo menos dois aspectos favorecem esta posição: a reciprocidade frente ao apoio recebido e o desinteresse em se opor às lideranças. Como marca desta convivência aparentemente pacífica, pelo menos os pastores das duas igrejas mencionadas acima afirmam que o trabalho feito por eles e pelos *rezadores* “é tudo igual”, pois ambos desempenham um papel semelhante: apoiar e dar conselhos às pessoas, realizar ações mágicas (*rezas* ou cultos) para controlar os problemas que perturbam o cotidiano da reserva. Ao que parece, analisando os discursos, a mudança entre a prática dos *ñanderu* e dos pastores parecem pequenas, mas não é exatamente isto que indica um olhar mais aprofundado. Ainda, há muitas lacunas e um vasto conteúdo a ser analisado, tendo em vista compreender aquilo que se coloca entre o que é ouvido e o que é visto. Mas, para Silvio e demais pastores, como também para os seus fiéis, as igrejas representam, no momento, a única alternativa para conter os aspectos negativos da conduta da pessoa, ocupando, aparentemente, o espaço deixado em aberto pelos *ñanderu*.

As várias falas acima, em especial a do *capitão* João: “o povo antigo não tinha vício ... não fumava e não tomava pinga”, e de Aquino: “o diabo já

tá agindo na cabeça deles... até [d]o rezador”, deixam subentender que os rezadores perdem o controle sobre a atuação da parcela de sua alma telúrica, e, se eles não são capazes de viver de forma virtuosa, também não podem contribuir para que as pessoas comuns o façam. Parece ser esta a mensagem implícita nas referências feitas por Silvio a seu pai e demais rezadores.

*A maldita da bebida, essa coisa que mudou a vida dos Kaiowá. Eu acho isso! O meu pai é um rezador, ainda, mas só que ele tá nisso. Então a gente achou que não tá certo. Se ele parasse de beber acho que ia dar, porque aí ele ia falar igual [ao pastor] chegá pro pessoal, falá pro pessoal: Não é assim. Vamos servir a Deus assim, dessa maneira.*

Contudo, os rezadores não compartilham desta opinião e colocam em xeque a eficácia dos pastores e de suas igrejas:

*Nosso sistema mudô e pegamo o sistema do branco [os jovens] se esquecem de nossos costume, por isso enfraquecemos. Não tem mais quem reza, a geração de agora não sabe mais vivê. Tão morrendo os que sabe a reza, e os que ficam só conhece a cultura do karai [branco] e não vai sabê o que fazê. Só quem sabe a reza pode segurá. As crianças e as plantas não tão sendo mais batizada e a religião [e as coisas do branco] tão entrando na vida kaiowá. Só isso [a reza] nos defende<sup>26</sup>.*

*Quem é crente não participa da reza. Cacique já quase acabô... A maioria aqui na aldeia é crente. Se deixa a reza, a planta e a chuva tudo piora.*

*Pastor não cura nada, tá mentindo. Não vai curá mesmo! ...Agora, nós, cura, faz remédio de mato, pra sará mesmo. Pastor não se comunica com o tekojara, que é o dono da doença... O público da reza, tem mais por causa do pastor. Pastor disse pra deixá o rezador, porque promete que vai vê Deus, e, aí, o povo acredita e vai embora. Ele diz: vem aqui que nós vai com Deus... vai vivo, nós chega lá em Deus. Desde 12 anos ouço pastor falá que vai vir Deus, vai vir Deus, mais até agora eu não vi ainda.*

## Considerações finais

Embora este estudo não represente uma abordagem exaustiva, permanecendo uma série de lacunas, é possível perceber que a conversão às missões, mas principalmente, às igrejas, aponta na busca de alternativas para os problemas que permeiam o cotidiano Kaiowá e Guarani, os quais têm como pano de fundo o processo de confinamento. Parte significativa dos depoimentos reflete os conflitos gerados a partir de várias quebras nas relações sociais, especialmente na esfera familiar. Entre os elementos que mais motivam à conversão, tanto às missões como às igrejas, está a busca da cura para doenças - violência, alcoolismo, suicídio - e para superação de conflitos familiares. Desta forma, ao que parece, a compreensão destes e outros aspectos, relacionados à vivência contemporânea dessas

populações, na qual se inserem as missões e as igrejas, está diretamente associada a uma melhor percepção das conseqüências relacionadas à mudança de estatuto dos *ñanderu*. Porém, se ele mostra-se uma figura fragilizada e incapaz de fornecer os elementos necessários a organizar as experiências cotidianas, estes passam a ser buscados em diferentes pessoas ou instituições e reconstruídos através de outros meios. No entanto, o que permanece em aberto é se as concepções e as práticas das igrejas neopentecostais consistem em um novo modelo, ou representam uma releitura das práticas e crenças kaiowá e guarani. No entanto, deve ser considerado que se isso é possível para a primeira geração de convertidos, as gerações seguintes não terão mais, à disposição, os mesmos elementos para realizar esta releitura. Portanto, cabe questionar se a sua eficácia será a mesma, ou caberá a essas igrejas, no futuro próximo, contribuir para a ampliação dos conflitos pessoais e sociais. Talvez esteja aqui a base dos conflitos, atualmente enfrentados pelos descendentes da primeira e da segunda geração de convertidos às missões evangélicas.

## Notas

<sup>1</sup> Os Guarani, em Mato Grosso do Sul, estão representados pelas populações Kaiowá e Nandeva, sendo que esta se auto-reconhece e é reconhecida pela denominação guarani, portanto, será tratada desta forma.

<sup>2</sup> Entre parênteses estão identificados os municípios onde as áreas indígenas estão localizadas.

<sup>3</sup> Em 1895, a Companhia dispõe de uma área que ultrapassa os 5.000.000 ha, estendendo-se por quase a totalidade do território kaiowá e guarani no Mato Grosso do Sul e norte do Paraná. Este monopólio começa a ser quebrado em 1915, porém sua supremacia é mantida até a década de 1940 (BRAND, 1997, p. 87).

<sup>4</sup> A CAND, assim como outras Colônias Agrícolas criadas neste período, é parte da política de Getúlio Vargas, tendo em vista a ocupação de áreas de fronteira e o assentamento de milhares famílias de produtores rurais sem-terra oriundas de outras regiões do país.

<sup>5</sup> V. Brand, 1977, cap. II e anexo II.

<sup>6</sup> Os dados de Schaden datam do final dos anos 40 e início dos anos 50.

<sup>7</sup> V. Brand, anexo II.

<sup>8</sup> A expressão *ñanderu* (nosso pai) designa as lideranças de caráter político e religioso de uma parentela, porém outras denominações podem ser acrescidas, de acordo com a formação, inserção nas práticas religiosas e o prestígio que dispõe. Atualmente, a expressão é usada para denominar aquelas pessoas que são iniciadas nas práticas rituais e dirigem um *grupo de reza*, elas podem também ser genericamente chamadas por *caciques* ou *rezadores*. Os *grupos de reza* são compostos essencialmente pelo núcleo familiar destes.

<sup>9</sup> Assim como em outras populações indígenas, a figura do *capitão* está associada à demarcação das reservas, cabendo-lhe estabelecer a intermediação entre a população



indígena e os representantes do SPI (e depois FUNAI). Porém, foi gradativamente incorporado, e hoje está presente em todas as áreas. De uma maneira geral a “eleição” do *capitão* depende de inúmeras articulações entre as parentelas majoritárias, mas também da habilidade de definir alianças externas, o que envolve outras lideranças kaiowá e guarani, mas principalmente setores não-indígenas. Cada reserva dispõe de um *capitão* e dezenas de grupos familiares, portanto, é impossível que todos eles se sintam referendados, o que gera o permanente descontentamento, criando ou acirrando conflitos. Parte deste descontentamento relaciona-se à expectativa de que o *capitão* mantenha uma atuação política próxima à dos *ñanderu*, o que é impossível frente aos diferentes interesses das diversas famílias.

<sup>10</sup> A impossibilidade de garantir a produção econômica dentro das áreas, associada, entre outros fatores, à necessidade de aquisição de uma série de bens de consumo, tem motivado a busca do assalariamento. Entre as poucas ofertas disponíveis está o trabalho de corte de cana, através de contratos sucessivos. Cada contrato dura cerca de 50 a 60 dias. Em Caarapó são, em média, 300 a 400 homens jovens e adultos, casados e solteiros, que se ausentam durante 10 meses ao ano.

<sup>11</sup> A Missão Caiuá foi fundada por iniciativa do pastor Albert Maxwel, da Igreja Presbiteriana Americana, que ao visitar a região percebeu não haver presença de igrejas junto aos Kaiowá e Guarani. Além da Missão Presbiteriana Americana, somaram-se ao projeto as igrejas evangélicas Metodista, Presbiteriana do Brasil e a Independente.

<sup>12</sup> Em meados da década de 1950, há uma epidemia de catapora na região, vitimando muitos índios, quando grupos de missionários oriundos de Dourados começam a prestar atendimento em Caarapó. Atualmente, de acordo com o pastor que coordena a missão nesta reserva, a participação dos índios é muito oscilante, situação que se repete nas igrejas neopentecostais como será visto abaixo. Os números não são precisos, mas é possível que mais de 300 pessoas participem dos cultos e de alguma forma sejam atendidas pela missão.

<sup>13</sup> Filha de mãe guarani e pai kaiowá.

<sup>14</sup> Referindo-se àquelas pessoas que são iniciadas nas práticas rituais, porém sem terem concluído a sua formação.

<sup>15</sup> Esta é, até hoje, uma atitude comum, pois não dispor de roupas e sapatos considerados adequados é, entre os jovens, um motivo consistente para abandonar a escola em busca de trabalho remunerado.

<sup>16</sup> A Reserva de Dourados possui 3.600 ha, e uma população de 6.576 pessoas (DISEI-MS/FUNASA, 2000).

<sup>17</sup> Sobre a biografia de Silvio é importante destacar que ele nasceu na aldeia Takuara. Seu pai, e os irmãos deste, estão entre os *rezadores* mais importantes da região. Portanto, na sua infância vivenciou o que denomina de modelo dos antigos. Aos 7 anos, já vivendo em Caarapó, ingressa na escola da Missão Caiuá, converte-se, e até os 13 anos frequenta regularmente os cultos. Nessa época, deixa a escola e passa a ter uma participação mais esporádica no cotidiano da missão. Por influência de sua esposa volta a frequentá-la por mais algum tempo, no início dos anos 80. Posteriormente, o casal volta a buscar o apoio da missão, tendo em vista superar o excessivo consumo de bebida alcoólica e a segunda tentativa de suicídio da mulher. Não encontrando o apoio necessário, passa a frequentar *A Palavra de Cristo para o Brasil*.

<sup>18</sup> É importante destacar que na Reserva de Caarapó os cargos políticos têm permanecido de forma preponderante entre integrantes da mesma família, portanto, aspectos de outra ordem também influenciam esta escolha.

<sup>19</sup> É interessante destacar que este senhor, anteriormente, preocupado com a redução do número de *rezadores* e dos rituais, em Caarapó, inicia a sua formação como *yvyra'ija* do *cacique* mais importante da família de sua mulher e também da reserva.

<sup>20</sup> Os Kaiowá e Guaraní tendem a evitar o internamento em hospitais, as queixas recaem sobre a impossibilidade de serem acompanhados pela família, e sobre muitos dos procedimentos relacionados ao atendimento, tidos como desrespeitosos. Assim, a tendência é que os internamentos se dêem apenas em casos graves, portanto o número de óbitos entre pacientes internados é considerado alto, gerando outro estigma: “*vai pro hospital só pra morrer*”. Desta forma, preferem os serviços prestados na área indígena, onde se incluem os *rezadores* e os pastores.

<sup>21</sup> O *kurusu* e o *mbaraka* estão entre os objetos rituais mais importantes.

<sup>22</sup> Visões semelhantes são descritas por vários adeptos das igrejas, independente da denominação. Muitos acreditam se tratar de uma visão de Jesus Cristo ou alguém enviado por ele.

<sup>23</sup> Este é outro tema complexo para ser aqui detalhado. De uma maneira geral, na compreensão Kaiowá e Guaraní, a prática do suicídio é entendida como a manifestação de uma *doença*, ligada à alma, que pode ser provocada ou exacerbada pelo *feitiço*. Para a grande maioria da população, onde se incluem muitos dos crentes, o alto índice de suicídios está relacionado ao abandono das práticas rituais e da perda de prestígio dos *rezadores*, que não possuem mais os recursos necessários para contê-lo. Há registros indicando suicídios entre a população de língua guaraní desde o período colonial. Porém, as proporções em que se dão, atualmente, apontam para a contemporaneidade de suas causas. Acredito que o suicídio deva ser observado como um fenômeno multicausal, que tem como consequência a baixa qualidade de vida, a baixa auto-estima e a falta de perspectivas em alterar esta situação, portanto, atingindo com maior ênfase os jovens adultos (ver Brand, cap. III, 1997 e Brand e Vietta, 2001, p. 119-132).

<sup>24</sup> No entanto, é preciso ressaltar que nem sempre os rituais de cura, promovidos pelas igrejas, alcançam a eficácia esperada. Há vários registros de óbito em decorrência do abandono de tratamento médico por recomendação de pastores. Neste sentido, a *Deus é Amor* é a mais inflexível. A *Missionária da Palavra* e a *Congregação Cristã do Brasil*, pelo menos em Caarapó, recomendam o tratamento médico simultâneo.

<sup>25</sup> Adorno ritual, recebido pelos meninos após o ritual de passagem para a fase adulta.

<sup>26</sup> Brand, 1997, p. 155.

## Bibliografia

BRAND, Antônio. *O confinamento e seu impacto sobre os Pãi/Kaiowá*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - PUC-RS, Porto Alegre, 1993.

\_\_\_\_\_. Se os Ñanderu conseguirem falar novamente com Deus. Os Kaiowá: a construção de uma história oral. In: SIDEKUN, Antônio. *História do imaginário indígena*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p. 145-157.

\_\_\_\_\_. Los Guaraníes en tiempos de suicidio. *Accion*, ano XXVIII, n. 168, p. 31- 33, out. 1996.

\_\_\_\_\_. *O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra*. 1997. Tese (Doutorado em História) - PUC-RS, Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_.; VIETTA, Katya. Análise das ocorrências de suicídios entre os Kaiowá/Guarani, no Mato Grosso do Sul, entre 1981 e 2000. *Tellus*, ano 1, n. 1, Campo Grande: UCDB, p. 119- 131, out. 2001.

CADOGAN, Léon. Ayyu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. *Antropologia*, São Paulo: FFCL/USP, Bol. 227, n. 5, 1959, 217 p.

CAROZZI, Maria Julia. Tendencias en el estudio de los nuevos movimientos religiosos en América: los últimos veinte años. *Sociedad y Religion*, Buenos Aires, n. 10-11, p. 3-23, junio de 1993.

CHAMORRO, Graciela. *Kurusu Ñe'ëngatu palabras que la história no podría olvidar*. Asunción, Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", 1995.

LEVCOVITZ, Sérgio. *Kandire: o paraíso terreal - o suicídio entre os índios Guarani do Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Te Cora, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 121- 189.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: Pedagógica/USP. 1974.

SILVA, Joana A. F. *Os Kaiowá e a ideologia dos projetos econômicos*. 1982. Dissertação (Mestrado) - UNICAMP, Campinas, 1982.

VIETTA, Katya. Não tem quem orienta, a pessoa sozinha é que nem uma folha que vai com o vento: análise sobre alguns impasses presentes entre os Kaiowá/Guarani. *Revista Divulgação Cultural*, Blumenau: UEB, n. 64, p. 15-24, jan./abr. 1998.

\_\_\_\_\_. Os homens e os deuses: a concepção dual da alma humana e a construção Mbyá da pessoa. *Suplemento Antropológico*, vol. XXXIV, n. 2, p. 63-79, dez. 1999.

\_\_\_\_\_. *Tekoha e te'y guasu: algumas considerações sobre articulações políticas kaiowá e Guarani a partir das noções de parentesco e ocupação espacial*. *Tellus*, Campo Grande: UCDB, ano 1, n. 1, p. 89-101, out. 2001.

\_\_\_\_\_. Práticas religiosas entre os Kaiowá e Guarani: o estatuto do Ñanderu. Palestra proferida no Seminário Saúde Mental em Populações Indígenas de MS, FUNASA-MS. Dourados, 2001. 10 p.

VIETTA, K.; BRAND, A. Missões evangélicas e igrejas neopentecostais entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul. In: ROBIN. *Transformando os Deuses II*. Campinas: Unicamp. (prelo)

ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL  
**TERRAS KAIOWÁ / GUARANI**

**DEMAICAÇÕES**

**ATÉ 1928**

- 1 - Araxá de Itaipua, Estância
- 2 - Araxá de Itaipua
- 3 - Araxá de Itaipua
- 4 - Araxá de Itaipua
- 5 - Araxá de Itaipua
- 6 - Araxá de Itaipua

**DE 1929**

- 1 - Araxá de Itaipua
- 2 - Araxá de Itaipua
- 3 - Araxá de Itaipua
- 4 - Araxá de Itaipua
- 5 - Araxá de Itaipua
- 6 - Araxá de Itaipua
- 7 - Araxá de Itaipua
- 8 - Araxá de Itaipua
- 9 - Araxá de Itaipua
- 10 - Araxá de Itaipua
- 11 - Araxá de Itaipua
- 12 - Araxá de Itaipua
- 13 - Araxá de Itaipua
- 14 - Araxá de Itaipua
- 15 - Araxá de Itaipua
- 16 - Araxá de Itaipua
- 17 - Araxá de Itaipua
- 18 - Araxá de Itaipua
- 19 - Araxá de Itaipua
- 20 - Araxá de Itaipua
- 21 - Araxá de Itaipua
- 22 - Araxá de Itaipua
- 23 - Araxá de Itaipua
- 24 - Araxá de Itaipua
- 25 - Araxá de Itaipua
- 26 - Araxá de Itaipua
- 27 - Araxá de Itaipua
- 28 - Araxá de Itaipua
- 29 - Araxá de Itaipua
- 30 - Araxá de Itaipua
- 31 - Araxá de Itaipua
- 32 - Araxá de Itaipua
- 33 - Araxá de Itaipua
- 34 - Araxá de Itaipua
- 35 - Araxá de Itaipua
- 36 - Araxá de Itaipua
- 37 - Araxá de Itaipua
- 38 - Araxá de Itaipua
- 39 - Araxá de Itaipua
- 40 - Araxá de Itaipua
- 41 - Araxá de Itaipua
- 42 - Araxá de Itaipua
- 43 - Araxá de Itaipua
- 44 - Araxá de Itaipua
- 45 - Araxá de Itaipua
- 46 - Araxá de Itaipua
- 47 - Araxá de Itaipua
- 48 - Araxá de Itaipua
- 49 - Araxá de Itaipua
- 50 - Araxá de Itaipua
- 51 - Araxá de Itaipua
- 52 - Araxá de Itaipua
- 53 - Araxá de Itaipua
- 54 - Araxá de Itaipua
- 55 - Araxá de Itaipua
- 56 - Araxá de Itaipua
- 57 - Araxá de Itaipua
- 58 - Araxá de Itaipua
- 59 - Araxá de Itaipua
- 60 - Araxá de Itaipua
- 61 - Araxá de Itaipua
- 62 - Araxá de Itaipua
- 63 - Araxá de Itaipua
- 64 - Araxá de Itaipua
- 65 - Araxá de Itaipua
- 66 - Araxá de Itaipua
- 67 - Araxá de Itaipua
- 68 - Araxá de Itaipua
- 69 - Araxá de Itaipua
- 70 - Araxá de Itaipua
- 71 - Araxá de Itaipua
- 72 - Araxá de Itaipua
- 73 - Araxá de Itaipua
- 74 - Araxá de Itaipua
- 75 - Araxá de Itaipua
- 76 - Araxá de Itaipua
- 77 - Araxá de Itaipua
- 78 - Araxá de Itaipua
- 79 - Araxá de Itaipua
- 80 - Araxá de Itaipua
- 81 - Araxá de Itaipua
- 82 - Araxá de Itaipua
- 83 - Araxá de Itaipua
- 84 - Araxá de Itaipua
- 85 - Araxá de Itaipua
- 86 - Araxá de Itaipua
- 87 - Araxá de Itaipua
- 88 - Araxá de Itaipua
- 89 - Araxá de Itaipua
- 90 - Araxá de Itaipua
- 91 - Araxá de Itaipua
- 92 - Araxá de Itaipua
- 93 - Araxá de Itaipua
- 94 - Araxá de Itaipua
- 95 - Araxá de Itaipua
- 96 - Araxá de Itaipua
- 97 - Araxá de Itaipua
- 98 - Araxá de Itaipua
- 99 - Araxá de Itaipua
- 100 - Araxá de Itaipua

**ESTUDO IDENTIFICATÓRIO**

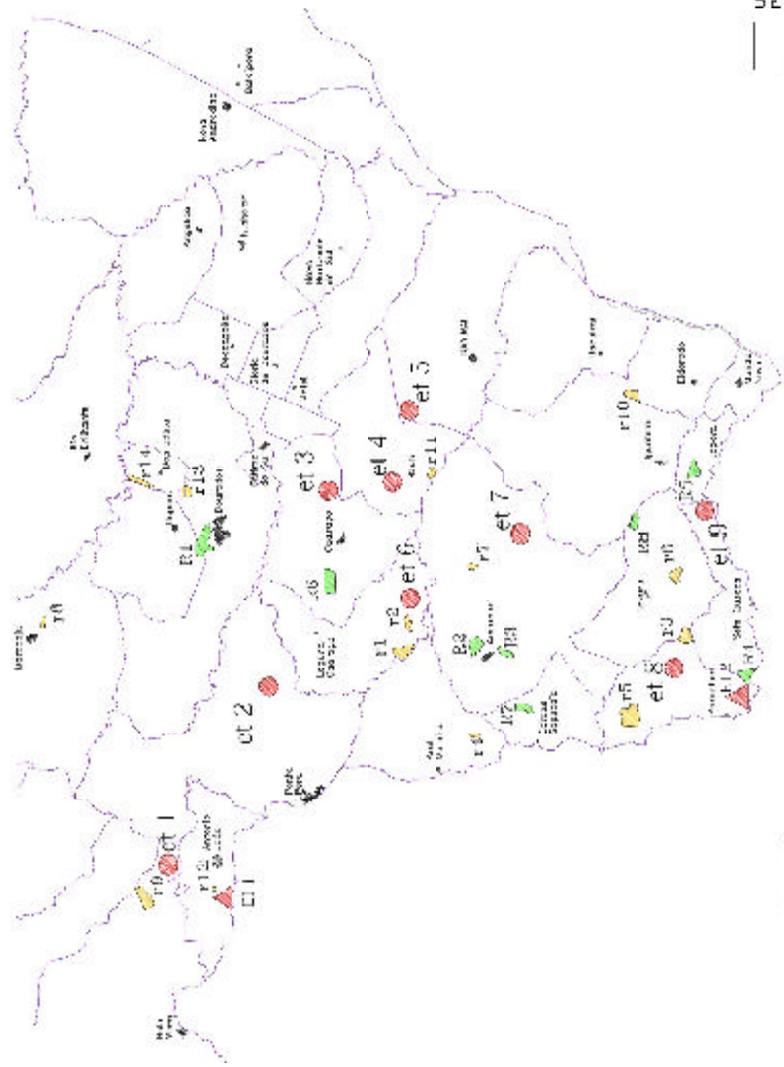
- 1 - Terra Mbandaka (Terra Mbandaka)

**ESTUDO TÉCNICO**

- 1 - Terra Mbandaka
- 2 - Terra Mbandaka
- 3 - Terra Mbandaka
- 4 - Terra Mbandaka
- 5 - Terra Mbandaka
- 6 - Terra Mbandaka
- 7 - Terra Mbandaka
- 8 - Terra Mbandaka
- 9 - Terra Mbandaka
- 10 - Terra Mbandaka
- 11 - Terra Mbandaka
- 12 - Terra Mbandaka
- 13 - Terra Mbandaka
- 14 - Terra Mbandaka
- 15 - Terra Mbandaka
- 16 - Terra Mbandaka
- 17 - Terra Mbandaka
- 18 - Terra Mbandaka
- 19 - Terra Mbandaka
- 20 - Terra Mbandaka
- 21 - Terra Mbandaka
- 22 - Terra Mbandaka
- 23 - Terra Mbandaka
- 24 - Terra Mbandaka
- 25 - Terra Mbandaka
- 26 - Terra Mbandaka
- 27 - Terra Mbandaka
- 28 - Terra Mbandaka
- 29 - Terra Mbandaka
- 30 - Terra Mbandaka
- 31 - Terra Mbandaka
- 32 - Terra Mbandaka
- 33 - Terra Mbandaka
- 34 - Terra Mbandaka
- 35 - Terra Mbandaka
- 36 - Terra Mbandaka
- 37 - Terra Mbandaka
- 38 - Terra Mbandaka
- 39 - Terra Mbandaka
- 40 - Terra Mbandaka
- 41 - Terra Mbandaka
- 42 - Terra Mbandaka
- 43 - Terra Mbandaka
- 44 - Terra Mbandaka
- 45 - Terra Mbandaka
- 46 - Terra Mbandaka
- 47 - Terra Mbandaka
- 48 - Terra Mbandaka
- 49 - Terra Mbandaka
- 50 - Terra Mbandaka
- 51 - Terra Mbandaka
- 52 - Terra Mbandaka
- 53 - Terra Mbandaka
- 54 - Terra Mbandaka
- 55 - Terra Mbandaka
- 56 - Terra Mbandaka
- 57 - Terra Mbandaka
- 58 - Terra Mbandaka
- 59 - Terra Mbandaka
- 60 - Terra Mbandaka
- 61 - Terra Mbandaka
- 62 - Terra Mbandaka
- 63 - Terra Mbandaka
- 64 - Terra Mbandaka
- 65 - Terra Mbandaka
- 66 - Terra Mbandaka
- 67 - Terra Mbandaka
- 68 - Terra Mbandaka
- 69 - Terra Mbandaka
- 70 - Terra Mbandaka
- 71 - Terra Mbandaka
- 72 - Terra Mbandaka
- 73 - Terra Mbandaka
- 74 - Terra Mbandaka
- 75 - Terra Mbandaka
- 76 - Terra Mbandaka
- 77 - Terra Mbandaka
- 78 - Terra Mbandaka
- 79 - Terra Mbandaka
- 80 - Terra Mbandaka
- 81 - Terra Mbandaka
- 82 - Terra Mbandaka
- 83 - Terra Mbandaka
- 84 - Terra Mbandaka
- 85 - Terra Mbandaka
- 86 - Terra Mbandaka
- 87 - Terra Mbandaka
- 88 - Terra Mbandaka
- 89 - Terra Mbandaka
- 90 - Terra Mbandaka
- 91 - Terra Mbandaka
- 92 - Terra Mbandaka
- 93 - Terra Mbandaka
- 94 - Terra Mbandaka
- 95 - Terra Mbandaka
- 96 - Terra Mbandaka
- 97 - Terra Mbandaka
- 98 - Terra Mbandaka
- 99 - Terra Mbandaka
- 100 - Terra Mbandaka

**CONVÊNIO**

- 1 - Terra Mbandaka
- 2 - Terra Mbandaka
- 3 - Terra Mbandaka
- 4 - Terra Mbandaka
- 5 - Terra Mbandaka
- 6 - Terra Mbandaka
- 7 - Terra Mbandaka
- 8 - Terra Mbandaka
- 9 - Terra Mbandaka
- 10 - Terra Mbandaka
- 11 - Terra Mbandaka
- 12 - Terra Mbandaka
- 13 - Terra Mbandaka
- 14 - Terra Mbandaka
- 15 - Terra Mbandaka
- 16 - Terra Mbandaka
- 17 - Terra Mbandaka
- 18 - Terra Mbandaka
- 19 - Terra Mbandaka
- 20 - Terra Mbandaka
- 21 - Terra Mbandaka
- 22 - Terra Mbandaka
- 23 - Terra Mbandaka
- 24 - Terra Mbandaka
- 25 - Terra Mbandaka
- 26 - Terra Mbandaka
- 27 - Terra Mbandaka
- 28 - Terra Mbandaka
- 29 - Terra Mbandaka
- 30 - Terra Mbandaka
- 31 - Terra Mbandaka
- 32 - Terra Mbandaka
- 33 - Terra Mbandaka
- 34 - Terra Mbandaka
- 35 - Terra Mbandaka
- 36 - Terra Mbandaka
- 37 - Terra Mbandaka
- 38 - Terra Mbandaka
- 39 - Terra Mbandaka
- 40 - Terra Mbandaka
- 41 - Terra Mbandaka
- 42 - Terra Mbandaka
- 43 - Terra Mbandaka
- 44 - Terra Mbandaka
- 45 - Terra Mbandaka
- 46 - Terra Mbandaka
- 47 - Terra Mbandaka
- 48 - Terra Mbandaka
- 49 - Terra Mbandaka
- 50 - Terra Mbandaka
- 51 - Terra Mbandaka
- 52 - Terra Mbandaka
- 53 - Terra Mbandaka
- 54 - Terra Mbandaka
- 55 - Terra Mbandaka
- 56 - Terra Mbandaka
- 57 - Terra Mbandaka
- 58 - Terra Mbandaka
- 59 - Terra Mbandaka
- 60 - Terra Mbandaka
- 61 - Terra Mbandaka
- 62 - Terra Mbandaka
- 63 - Terra Mbandaka
- 64 - Terra Mbandaka
- 65 - Terra Mbandaka
- 66 - Terra Mbandaka
- 67 - Terra Mbandaka
- 68 - Terra Mbandaka
- 69 - Terra Mbandaka
- 70 - Terra Mbandaka
- 71 - Terra Mbandaka
- 72 - Terra Mbandaka
- 73 - Terra Mbandaka
- 74 - Terra Mbandaka
- 75 - Terra Mbandaka
- 76 - Terra Mbandaka
- 77 - Terra Mbandaka
- 78 - Terra Mbandaka
- 79 - Terra Mbandaka
- 80 - Terra Mbandaka
- 81 - Terra Mbandaka
- 82 - Terra Mbandaka
- 83 - Terra Mbandaka
- 84 - Terra Mbandaka
- 85 - Terra Mbandaka
- 86 - Terra Mbandaka
- 87 - Terra Mbandaka
- 88 - Terra Mbandaka
- 89 - Terra Mbandaka
- 90 - Terra Mbandaka
- 91 - Terra Mbandaka
- 92 - Terra Mbandaka
- 93 - Terra Mbandaka
- 94 - Terra Mbandaka
- 95 - Terra Mbandaka
- 96 - Terra Mbandaka
- 97 - Terra Mbandaka
- 98 - Terra Mbandaka
- 99 - Terra Mbandaka
- 100 - Terra Mbandaka



UNIVERSIDADE CATELICA DOM BOSCO  
 Projeto: Terras das Indígenas Tradicionais  
 Convênio UIC/IBR/UFMS/UFMT  
 Coordenador: Universidade Católica de Mato Grosso do Sul  
 Elaborador: SM/ANOTTO, C.R.  
 Pesquisador: Programa Kaiowá/Guarani  
 Pesquisador: BRAND, A. J.